

# O andróide que jamais sonhara: O Naturalismo Biológico de John Searle

Marcos Eduardo Nogueira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Apresenta-se o Naturalismo Biológico - a Teoria da Mente do filósofo norte-americano contemporâneo John Rogers Searle, à base de seu escrito de 1969: *Speech Acts: an essay in the philosophy of language*. A partir dele, o filósofo da mente mostra que os programas de computação são meramente formais, que as mentes têm conteúdos semânticos e a sintaxe não é suficiente para constituí-las. Adicionalmente, Searle afirma que os cérebros causam as mentes; daí, qualquer outro sistema capaz de causar as mentes teria poderes causais equivalentes aos dos cérebros. Finalmente, o filósofo explicita que qualquer artefato capaz de duplicar os poderes causais do cérebro (não simplesmente simulá-los) não o faria por meramente “correr” um programa. Mentes semânticas ensejam a possibilidade neuro-evolutiva para a Ética. Outros trabalhos neurofilosóficos são cotejados e o funcionalismo de Daniel Dennett é combatido.

**ABSTRACT:** To introduce the contemporary North American philosopher John Searle's Theory of Mind. Its beginning was from the 1969's text called *Speech Acts: an essay in the philosophy of language*. This philosopher mind's theory points out the softwares are barely formal, the mind has its semantic stuff and the syntax isn't adequate for its building. More, the brains cause the minds according Searle. Thus, another one mind causing system could encompass the brains causal powers. Finally, the software running isn't account for the brain causal powers duplication. This running is a simulation, simply. Finally, Ethics can arise from the semantical minds by neuro-evolutionary ways. Other neurophilosophical works are turning to account and D. Dennett's functionalism is fought off.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu, SP. marylin@geo.igc.ufmg.br

## 1. Como tudo começou

Nossa operacionalização do conhecimento já realizado acerca da mente está centrada na perspectiva do filósofo norte-americano John Searle (nascido em 1932). Como costuma acontecer na literatura especializada, em geral se diferencia a mente do cérebro. Este é a parte da anatomia da espécie humana onde se encontra o encéfalo e o tronco cerebral, localizações físicas de chegada ou de partida de muitos nervos, que, por sua vez, passam por tudo o corpo trazendo impulsos elétricos à unidade central (o cérebro) ou levando-os centrifugamente, em direção aos múltiplos órgãos e tecidos do ser vivente.

Privilegiando a perspectiva histórica, reconhecida quase que de imediato como a que fornece a melhor visada para auxiliar a compreensão dos fenômenos objeto do inquérito, um grande luminar foi Descartes (1596-1650), quem fez uma notável distinção entre o cérebro (*res extensa*) e a mente (*res cogitans*).

Esta separação havida entre a coisa material e a coisa não-material é tema de uma acirrada controvérsia que perdura desde a época deste ex-soldado tornado filósofo; pugna tornada mais viva desde o artigo seminal *The concept of mind* (1949), escrito por Gilbert Ryle (1900-1976), filósofo analítico inglês autor da seguinte observação crítica daquela tradição filosófica:

A maioria dos filósofos pensa que a prática requer um conhecimento prévio do qual ela apenas é a aplicação. Ora, tal concepção implica a existência de uma atividade interior e distinta das modalidades práticas de sua execução. É esse dogma – conhecido como o 'fantasma dentro da máquina' (*ghost on the machine*, originalmente), de responsabilidade de Descartes (Ryle *in* Rossi, 2001, p. 859).

Todavia, no detalhe desta cisão que realizou Descartes esconde-se a sua concepção da conexão entre a alma (outro nome para a coisa pensante, além da palavra francesa *esprit*) e o corpo: a glândula pineal. Segundo o conhecido filósofo francês, ex-aluno do Colégio *La Fleche* (mantido pelos jesuítas), este mui pequenino órgão no interior do crânio é o "terceiro olho" (concepção esotérica havida até hoje entre os gnósticos), responsável pela adequada e inegável reunião dos "espíritos animais" (*les esprits animaux*) (Descartes *in* Cottingham, 1995, p. 61-2) – estímulos corporais (no linguajar cibernético atual: informação) que visam à mente e também pela chegada das disposições anímicas a todo o

corpo. "Foi pelos espíritos animais que ele explicou a união ou ação recíproca entre o corpo e a alma" (Leão, 1932b, p. 38).

Privilegio a perspectiva de Searle conforme apresentada ao público em seus textos e em sua página na rede internacional de computadores. Ênfase, tal como ele, sua tese acerca da fundamentalidade da semântica e da incapacidade da máquina em duplicar a mente de seu construtor ou de qualquer indivíduo humano em geral.

O projeto da Inteligência Artificial Forte, dito funcionalista e presente nos textos de outro filósofo norte-americano contemporâneo - Daniel Dennett - proporcionou-lhe dizer que "as teorias [da mente] que não são contra-intuitivas estão mesmo erradas (...). Penso que a idéia da alma é um curioso traço fóssil do desejo de nos tratarmos como absolutos (...). Tendemos a pensar que estamos muito mais conscientes do que [de fato] estamos; tendemos a pensar que a consciência tem propriedades que ela mesma não tem" (Dennett *in* Blackmore, 2006, p. 81, 82 e 85). Com a incisividade e até a graça irônica que lhe são conhecidas, Dennett também fez constar que o matemático inglês Alan Mathison Turing (1912-1934) - quem usou cianeto em autoquiria por temer ser processado por homossexualidade ostensiva pelo governo à época (Strathern, 2000, p. 84 e Alan Turing, s.d., p. 1-2) - ao decifrar o código secreto "Enigma" usado pelos nazistas à época da Segunda Grande Guerra, já pavimentava o caminho que permitiria a compreensão do funcionamento do cérebro ao modo dos computadores. Ele "teve o grandioso papel de responder à questão posta por Kant – como é possível o pensamento - dizendo que se tratava apenas de um problema de engenharia" (Blackmore, 2006, p. 81). "O que eleva (...) Kant em face da ciência moderna é o seu contingente evolucionista (...). Foi ele quem primeiro elaborou o evolucionismo cósmico (...) Ele afirmou que o indivíduo prossegue psicologicamente para um fim natural da espécie" (Leão, 1932b, p. 191).

Assim, o cérebro deixaria de ser o resultado atual do trabalho da evolução biológica para ser meramente um *hardware* que pode ser industrialmente fabricado, como as máquinas que ora a humanidade comercializa e usa. Consequentemente, tanto o cérebro quanto a mente e a consciência passam a

ser mercadologicamente significativos na era dos computadores (a princípio, analógicos; hoje, digitais; amanhã, possivelmente quânticos).

Mas Dennett não poderia, simplesmente, ser considerado o *enfant terrible* da neurofilosofia. Perguntado por Susan Blackmore se "quanto à moralidade e o que interessa; importa para algo ou alguém o que fazemos?" (Blackmore, 2006, p. 82), Dennett vibrou esta resposta: "Darwin fez uma grande inversão de raciocínio quando entendeu que se pode ter uma teoria da criatividade de cabeça-para-baixo (*bottom-up theory of creativity*): todo o maravilhoso projeto (*design*) que se vê na biosfera poderia ser o produto, direto ou indireto, dum processo amental e sem propósito (*mindless, purposeless process*)" (Dennett in Blackmore, 2006, p. 82-3).

Reconhecido internacionalmente, Searle, a princípio, trabalhou como filósofo aderente aos princípios da filosofia analítica do século vinte. Começou publicando sua teoria dos atos de fala (1969), derivada dos estudos filosóficos de John L. Austin (1911-1960), seu orientador durante a pós-graduação. Neste texto, Searle antecipa seu reconhecimento explícito da necessidade duma teoria da mente que funcionasse como substrato não-metafísico para a ação da intencionalidade, presente no pensar e no agir humanos. *Verbatim*: o texto que se lê na condecoração *National Humanities Medal Presidential Award* que foi concedida a Searle por Bill Clinton (novembro de 2004): "por seus esforços no aprofundamento na compreensão da mente humana. Seus escritos têm moldado o pensamento atual, defendido a razão e a objetividade. Ele tem pautado o debate sobre a natureza da inteligência artificial" (página de Searle, s.d., p. 1).

O pensamento é escrutinado pela ciência da cognição ao lado da ética, esta tida como a filosofia da ação, envolvendo o estudo da cogência dos atos de fala (especificamente: imperatividade e prescritividade) e a universalizabilidade. Desta perspectiva bem geral poder-se-ia aceitar uma melhor visão da mente "funcionando".

Ao contrário de Ferdinand de Saussure (1857-1913), Searle, logo à página doze de seu primeiro livro, cujo nome é "Atos de fala: um ensaio em filosofia da linguagem" (*Speech acts: an essay in the philosophy of language*), datado de

1969, sustenta que a enunciação submete-se às regras convencionais diferentes daquelas que atribuem significado às palavras: “falar uma língua é o engajamento a uma (altamente complexa) forma de comportamento governada por regras” (Searle *in* Veit, 1984, p. 71). Searle já reconhecia que ele “estava usando aquelas difíceis noções tais como crença, desejo, intenção e ação. Então pensei: bem que poderia sentar-me e trabalhar nelas. Mas, quando comecei, pareceu-me claro que há uma teoria da mente já implícita na teoria dos atos de fala” (Searle em entrevista a Julian Moore, s.d., p. 1).

João de F. Teixeira (UFSCar) já notou que pode ser “verdadeira a afirmação de John Searle de que a filosofia da mente é um ramo da filosofia da linguagem, pois a explicação do mental passa necessariamente pelo lingüístico, (...) [sendo justo] colocar a linguística no centro do universo interdisciplinar da ciência cognitiva” (Teixeira, 2006, p. 8).

Gerald Edelman tem salientado a necessidade de se conhecer “geneticamente” a mente - conhecê-la por suas origens: “existiriam maneiras de devolver a mente à natureza (*nature*) que estejam de acordo com a forma como ela inicialmente aí surgiu” (Edelman, 1992, p. 33). Focalizando a morfologia (forma animada) - a ontogênese e a história individuais dos animais cerebrados - para se entender a gênese da mente, Edelman vai mostrar que cada mente depende de sua peculiar história e incorporação (*embodiment* ou “inscrição corporal”). Ele assim escreveu:

A nossa primeira premissa é que a consciência surgiu como resultado da seleção natural. O espírito [originalmente: *mind*] depende da consciência [originalmente: *consciousness*] para a sua existência e modo de funcionamento. Uma noção relacionada com esta é que a consciência é eficaz, aumentando a capacidade de adaptação a certos ambientes. A consciência surge a partir de um conjunto de relações especiais entre a percepção, a formação de conceitos e a memória. Estas funções psicológicas dependem da existência de mecanismos de categorização no cérebro. Além disso, a memória é influenciada por sistemas de controle homeostático que são característicos de cada espécie. A consciência primária é conseguida através da reentrada de uma memória de valor-categoria com as categorizações perceptivas concomitantes que são efetuadas ao mesmo tempo em muitas modalidades. É ela que liga os estímulos paralelos no tempo e no espaço (incluindo aqueles que não estão necessariamente relacionados causalmente) para formar uma cena correlata. A consciência de nível superior surge com o aparecimento evolutivo das capacidades semânticas e floresce com o acesso à linguagem e à referência simbólica (Edelman, 1992, p. 216).

Segundo [o pressuposto evolutivo], a consciência surgiu como propriedade fenotípica em determinada altura da evolução das espécies. Antes, disso, não existia. Este pressuposto implica que a aquisição da consciência conferiu diretamente capacidade de adaptação evolutiva aos indivíduos que a possuem ou forneceu a base para outros traços que aumentam a capacidade de adaptação. O pressuposto evolutivo implica que a consciência é *eficaz* (itálico de Edelman) – que ela não é epifenômeno (Edelman, 1992, p. 166-7).

Ao publicar, em 1989, seu livro de nome *The remembered present: a biological theory of consciousness*, Edelman já explicitava como concebia suas idéias acerca do trânsito da morfologia à mente:

A consciência é, portanto, uma propriedade da *morfologia* (itálicos de Edelman) ou, mais precisamente, de certas estruturas morfológicas num dado fenótipo. Está fundamentada em sua ordenação material e molecular, na interação durante o desenvolvimento do fenótipo com os objetos e eventos no ecnicho e na relação continuamente atualizada das categorias perceptuais imediatas com as auto e não-autocategorias rememoradas, baseadas no valor. Estados prévios da consciência primária foram necessários para a evolução da linguagem e da consciência de ordem superior; que, então, forneceram a base para a transmissão social incrementada e a comunicação intersubjetiva (Edelman, 1989, p. 263).

Orientando nossos juízos morais há uma gramática moral universal, uma faculdade da mente que evoluiu ao longo de milhões de anos, até incluir um conjunto de princípios para formar uma série de sistemas morais possíveis. Assim como a linguagem, os princípios que compõem nossa gramática moral voam abaixo do radar de nossa consciência (Hauser, 2006 *in* Dawkins, 2007, p. 291).

“Não há como estudar os fenômenos da mente sem, implícita ou explicitamente, estudar a consciência. A razão básica disso é que realmente não temos noção do mental independentemente de nossa noção de consciência” (Searle, 1997, p. 31).

Ao implementar sua teoria da mente, a qual chamou de Naturalismo Biológico, Searle fundamentou-a no já célebre Argumento do Quarto Chinês. Este experimento conceitual (*gedanken Experiment*) consiste na demonstração da inexistência da semântica em máquinas. Aceite isto, aquela vertente do funcionalismo que admite que o pensamento humano possa ser (estrita e precipuamente) computado (Inteligência Artificial Forte) fica sem fundamentos. Dito de outro modo, Searle afirma que a mente humana não pode ser duplicada, ainda que possa ser simulada. Em *Minds, brains and programs*, artigo escrito em 1980, Searle fez constar que “eu refutei a idéia de que o cérebro é um computador digital e que a mente é um programa de computador num artigo... [em que] apresentei o agora bem conhecido argumento do quarto chinês... [que é]

algo menos do que uma refutação decisiva das pretensões mais ambiciosas da inteligência artificial” (Fonseca, 1998, p. 3).

O argumento searleano tem três premissas e uma conclusão:

a) premissa um: os programas de computador são formais (sintáticos);

b) premissa dois: as mentes têm conteúdos mentais (semânticos);

c) premissa três: a sintaxe, por si só, não é constitutiva nem suficiente para a semântica;

d) conclusão um: os programas não são constitutivos nem suficientes para as mentes (Fonseca, 1998, p. 4).

Em continuação, Searle acrescenta uma quarta premissa:

e) premissa quatro: os cérebros causam as mentes (*brains cause minds*).

*Pari passu*, Searle deriva imediata e trivialmente uma segunda conclusão:

f) conclusão dois: qualquer outro sistema capaz de causar as mentes teria os poderes causais (pelo menos) equivalentes àqueles dos cérebros.

Dois corolários advêm da conclusão dois:

g) corolário um: qualquer artefato que produza fenômenos mentais, qualquer cérebro artificial, seria capaz de duplicar os poderes causais específicos dos cérebros, não podendo fazê-lo apenas por “correrem” (jargão computacional derivado do verbo inglês *to run* = cumprir o algoritmo) um programa formal;

h) corolário dois: a maneira pela qual cérebros humanos efetivamente produzem fenômenos mentais não pode ser devida exclusivamente à “corrida” de um programador de computador.

Segundo as próprias palavras de Searle:

A base do argumento é que a manipulação do símbolo formal de um programa de computador não é suficiente para garantir a mente. A beleza do exemplo consiste em não ter que considerar a consciência e, em segundo lugar, não ter que perguntar ‘como você sabe?’ porque me baseei em mim mesmo; pois, obviamente, não sei a língua chinesa [Searle imagina-se o protagonista de seu experimento, no interior de um quarto ou caixa].

Mas, então, a questão agora é: o que se entende por 'computação'? A resposta é, sem dúvida, a da definição convencional dos livros-texto: computação é a realização dos passos consecutivos de um algoritmo. Agora, algumas pessoas pensariam: bem! E qual a relação entre algoritmos e conexionismo? Conexionismo é outra palavra para computação em paralelo – são o mesmo tema (Searle em entrevista a Moore, s.d., p.6).

## 2. Contra o funcionalismo

A semântica é o significado dos símbolos, o fato deles se referirem à determinada coisa (a intencionalidade em Searle). As séries de símbolos por si mesmas não têm qualquer significado. Se os meus pensamentos são acerca de *alguma coisa* (itálicos originais), então devem ter um significado, que faz com que os pensamentos sejam a propósito dessas coisas. Numa palavra, a mente tem mais do que uma sintaxe, possui também uma semântica (Fonseca, 1998, p. 5).

[A sintaxe, por sua vez, corresponde a um conjunto de símbolos, com certa estrutura formal, mas vazia de significado]. Um conjunto articulado de símbolos, em si mesmo, não tem significado - os símbolos não são acerca de qualquer coisa (Fonseca, 1998, p. 5), [não apontando para nenhum objeto exterior a eles próprios]. No caso de um programa de computador, os zeros e uns são simples numerais; nem sequer estão em vez de números (Fonseca, 1998, p. 5). [De acordo com Fonseca], a sintaxe pode, em condições apropriadas, constituir os objetos abstratos que os nomes designam. Nós também não fazemos contas com os nomes que designam os números, estejam eles escritos em russo, árabe, romano ou grego. Só sabemos que VI mais XXXII é igual à XXXVIII porque sabemos operar os próprios números (Fonseca, 1998, p. 19).

Muitos neurocientistas (apenas para citar os contemporâneos: Antônio Damásio, Eric Kandel e o próprio Edelman) e muitos filósofos, passando (não se iniciando) por Benedito de Spinoza (1632-1677), Julien Offroy de la Mettrie pensam que a mente (inclusive o componente ético) deriva da matéria.

O magno problema, pelo menos para boa parte dos estudiosos do assunto, é a descrição e caracterização da passagem específica entre as duas esferas da existência humana: a moral e a biológica. Dentre as variadas manifestações sobre o tema, a do neokantiano contemporâneo Thomas Nagel poderia ser considerada suficientemente radical para ser anotada. Ele escreveu que:

A ética é uma pesquisa teórica sobre a prática e os motivos das pessoas, a qual pode ser abordada pelos métodos racionais e possui seus critérios internos de justificação e de crítica (...). Seu domínio é bem diferente daquele das outras ciências; não pode ser mais tratado com a ajuda dos métodos científicos – estes são externos aos indivíduos. A ética é o resultado duma capacidade humana sujeita aos esquemas de motivação e de comportamento pré-reflexivos inatos ou condicionados à crítica e à revisão; novas formas de conduta podendo ser criadas. A capacidade fática depende, sem dúvida, de algum fundamento biológico, ainda que este seja apenas um efeito colateral de outros desenvolvimentos. Todavia, a história do desenvolvimento desta capacidade e sua



continuada aplicação não bloqueiam a crítica e a revisão de seus produtos, os quais não fazem parte da biologia (Nagel, 1978 *in* Clavien e El-Bez, 2007, p. 6-7).

(...).

Sem algo mais, a idéia de que nossa capacidade racional é produto da seleção natural tornaria a razão muito menos útil e confiável do que [Robert] Nozick [1938-2002] sugere, para além de suas funções competitivas. (...) A menos que seja acoplada a uma base independente de confiança na razão, a hipótese evolucionista é mais ameaçadora do que tranquilizadora (Nagel, 1998 *in* Chediak, 2003, p.53).

(...).

A biologia pode dizer algo sobre o ponto de partida motivacional e perceptivo, mas no presente estado tem pouca conexão com o processo de pensamento pelo qual esses pontos de partida foram transcendidos (Nagel, 1985 *in* Chediak, 2003, p.58).

Mais ainda: Nagel, ao escrever sua apreciação de um dos livros de Searle (*A redescoberta da mente*, edição brasileira de 1997), foi direto ao assunto: "realmente, nós não entendemos a afirmativa de que os estados mentais são estados cerebrais. (...) [a questão crucial não é] sob quais condições atribuímos estados mentais às outras pessoas (...), mas o que estas pessoas realmente têm quando têm estados mentais" (Nagel *in* Sheets-Johnstone, 1998, p. 1).

Sumariamente, muitos concordam com o que escreveu Virginia Held: "a ciência cognitiva tem pouco a oferecer à ética. O que deveria lhe acontecer seria se subordinar à agenda da filosofia moral e não determiná-la" (Held, 1996 *in* Casebeer, 2005, p. 128).

A temática ética está no interior do já conhecido confronto *Geistes versus Naturwissenschaft*, o inatismo (*nature*) contraposto à cultura (*nurture*) e, pelo viés cognitivista, as perspectivas internalista (inclusiva e exclusiva) e externalista (*idem*).

É sabido que:

A filosofia tem produzido quantidade considerável de escolas de pensamento incompatíveis entre si, as quais tratam dos valores e se mostram particularmente impotentes em matéria de justificação dos juízos fundamentais de valor não-derivados. (...) Ademais, a ausência duma teoria consistente dos valores humanos as tornam vulneráveis à demagogia política e religiosa. (...) Não contando, no momento, mais que um punhado de tentativas de síntese teórica, a ciência dos valores humanos acha-se em estado embrionário, apesar da abordagem científica aparentar mais promissora que a pura psicologização (Elzanowski, 1993 *in* Clavien e El-Bez, 2007, p. 1-2, anotação).

Kant (1724-1804) reconhecia as dificuldades existentes na delimitação da natureza humana:

O homem é um ser que tem necessidades na medida em que pertence ao mundo sensível e a esse respeito sua razão tem certamente um encargo que não pode declinar com relação à sensibilidade: o de se ocupar dos interesses da última, o de constituir máximas práticas em vista da felicidade desta vida e também, quando é possível, da felicidade de uma vida futura. Mas não é, no entanto, tão completamente animal para indiferente a tudo o que a razão lhe diz por ela mesma e para empregá-la simplesmente como um instrumento próprio para satisfazer suas necessidades como ser sensível. Pois o fato de ter a razão não lhe dá absolutamente um valor superior à simples animalidade, se ela só devesse servir-lhe para o que o instinto realiza nos animais (Kant: *Critique of practical reason, chapter II: of the concept of an object of pure practical reason*, 1788b, p. 44-5) (Grateloup, 2004, p. 255-6).

À base deste trecho de Kant, poder-se-ia inferir que ele aponta para sua posição internalista (aparentemente) inclusivista. A primazia seria de *Geistes*. De um lado, ver-se-iam, por exemplo, neuro-circuitos eletricamente ativáveis como substrato micro-anatômico do espírito; do segundo lado, a parte intrinsecamente moral propriamente. Certas concepções nos extremos do espectro que interessa a esta problemática específica pressupõem a negação *in promptu* da contrária. Kant reconhecia uma “disposição do homem à animalidade como ser vivente” (Kant: *A religião dentro dos limites da simples razão*, 1793a, p. 277) (Caygill, 2000, p. 174). Este trecho pode ser associado a outro, no qual Kant aponta para a característica “faculdade de desejar” humana e explicita que “a vida é a capacidade de atuar segundo a faculdade de desejar (...) [esta sendo] a faculdade de, por meio das representações, ser causa dos objetos dessas representações” (Kant: *Critique of practical reason, preface*, 1788b, p. 6) (Abbagnano, 2000, p. 1001).

Uma atitude materialista na psicologia evidencia uma redução do mental ao físico, em dois planos:

- a) no teórico, a subordinação da psicologia à fisiologia e, no limite, à física;
- b) no histórico, a constituição de uma ciência psicológica não pode deixar de fundamentar-se na consideração do estágio de desenvolvimento das demais ciências envolvidas no processo.

Maxine Sheets-Johnstone salienta que:

a) uma história natural da mente, como convencionalmente adotou-se ao longo da história, aponta para uma evolução: não-consciência > consciência, a qual é correlata à outra: animais não-humanos > animal humano. Apela-se para Darwin, o qual já teria notado sinais da consciência nos animais não-humanos: “pode-se ver constantemente os animais contemporizar, deliberar e resolver” (Darwin, 1871/2, p. 45). Escreveu Laurindo Leão: “Darwin passou adiante da filosofia natural. Em psicologia, estabeleceu que a vida psíquica dos animais, como a do homem, é ligada à atividade dos órgãos materiais e assim pode ser estudada pelos métodos da história natural” (Leão, 1932b, p. 171);

b) qualquer “estudo naturalístico da consciência”, na expressão de Owen Flanagan, constata que ainda que todos os humanos sejam hominídeos, nem todos os hominídeos são humanos. Correlatamente, qualquer enquadramento evolucionário da mente humana deve levar em conta uma capciosa evidência do desempenho intelectual dos animais não-humanos. Considerações de ordem evolutiva na base da forma animada são oriundas de concepções materialistas que identificam consciência e matéria. Maxine vai frisar que a propriocepção e a cinestesia, ao refletirem o “conhece-te a ti mesmo” de sujeitos não-humanos, enviando para uma idéia de consciência não tomada como não-essencial nem essencialmente linguística (“centro da narrativa lingüística”) (Sheets-Johnstone, 1998, p. 23).

Na consideração da “física social”, os fatos sociais passam a ser tidos como uma espécie de coisa. Para melhor conhecê-la, o sujeito do conhecimento anula-se diante dela e, então, a coisa mostra seu em-si, ainda que não como essência, mas como puro fenômeno, indício certo do ser e não sua deficiência. A atitude inicial pelo espírito científico é fazer *tabula rasa* da camada dos juízos de valor, atendo-se tenazmente às notas de observação e da experiência. Hume foi quem salientou de vez a disjunção entre os fatos e os valores, pois escreveu que juízos de valor não podem ser derivados de juízos de fato. Em consequência desta nova parametração, a ontologia prévia começa a desvanecer. Kant passa a realçar a importância da mente como legisladora do mundo. Darwin estende a ação da seleção natural para incluir a espécie humana (pelo menos,

implicitamente), Freud a aplica às profundidades da mente e Edelman avalia sua utilidade ao nível dos neurônios e cúmulos destes (*clusters*).

Antônio Damásio escreve que:

A consciência, mui semelhantemente aos nossos sentimentos (*feelings*), está baseada na representação do corpo, a qual muda como reação a determinados estímulos [aportantes]. A auto-imagem seria impensável sem esta representação. Penso que os humanos desenvolveram suas auto-imagens com o fito de estabelecer um organismo homeostático. O cérebro necessita do aporte continuado de informação para regular os processos que permitem que ele viva. Esta é a única maneira pela qual o organismo [humano] pode sobreviver num meio mui mutável. Somente as emoções – sem os sentimentos conscientes, seriam insuficientes [para garantir a sobrevivência] (Damásio *in* Lenzen, 2005, p. 15).

(...)

O cérebro utiliza estruturas planejadas para mapear tanto o organismo como os objetos exteriores, a fim de criar uma representação nova, de segunda ordem, que indica que o organismo, conforme mapeado no cérebro, está voltado para agir com um objeto, também mapeado no cérebro. A representação de segunda ordem não é uma abstração: ela ocorre nas estruturas neurais (...). Processos cerebrais objetivos costuram a subjetividade da mente consciente a partir do tecido do mapeamento sensorial. E como o mais fundamental deste pertence a estados físicos e é representado como sentimento, o senso do eu no ato do conhecimento surge como um tipo especial de sentimento – o sentimento de que acontece em um organismo apanhado no ato de interagir com um objeto (Damásio, 2004 *in* Batista, 2005, p. 8).

### **3. Conclusão: a possibilidade da epistemologia da mente e do ensejo da ética**

Bertrand Russell afirmava que o modelo para a filosofia deve ser a ciência. Avança, reconhecendo os dados sensíveis como elementos do mundo real, independentes do sujeito cognoscente e termina entendendo o encéfalo como um cúmulo físico dos dados da sensibilidade: “um dado é um dado tanto para a física como para a psicologia: é o ponto de encontro das duas. Não é mental, nem físico, mas é parte da matéria bruta tanto do mundo físico como mental” (Prado Júnior, Pessotti, Abib, de Rose, Prado e Trevisan, 1982, p. 52) - monismo neutro de Russell. Wittgenstein (1889-1951), peculiarmente, afirma que o mundo é uma totalidade de fatos e não de coisas; que não cabe à filosofia conhecer a razão da existência do mundo nem qual o sentido da vida e mostra que só faz sentido

atribuir pensamentos a criaturas que, a princípio, possam manifestá-los, motivo pelo qual acha absurdo:

- a) atribuir a uma substância anímica incorpórea (a *res cogitans*) pensamentos,
- b) igualar mente e cérebro,
- c) aceitar que máquinas pensam.

Searle, de modo filosófico e lingüístico e Edelman, de modo neurobiológico, “organicizam” (= encarnam, corporificam) a mente, expondo-lhe a utilidade num mundo darwiniano.

A nossa primeira premissa é que a consciência surgiu como resultado da seleção natural. O espírito depende da consciência para sua existência e modo de funcionamento. (...) A consciência primária é conseguida através da reentrada de uma memória de valor-categoria com as categorizações perceptivas concomitantes que são efetuadas ao mesmo tempo em muitas modalidades (Edelman, 1992, p. 336). Quando Edelman fala em ‘categorização’ perceptiva não se trata de ‘experiências’ perceptivas conscientes. Sua estratégia é tentar construir a consciência a partir de uma série de processos, a começar pela categorização, que não devem ser supostamente considerados como conscientes. Seria incorreto assumir que tais processos são conscientes desde o princípio (Searle, 1998, p. 68).

O homem pode optar por desenvolver suas capacidades como animal superior e tentar erguer-se ainda mais ou sua escolha pode ser outra. A escolha é responsabilidade sua e apenas sua. Não existe automatismo que o eleve sem escolha ou esforço, nem existe uma tendência unilateral na direção certa. A evolução não tem objetivos; o homem deve dar objetivos a si mesmo (Simpson, 1952 in Abbagnano, 2000, p. 516).

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução: A. Bosi e I. C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Tradução de *Dizionario di filosofia*

ALAN TURING. Disponível em: <[http://www.dmm.im.ufrj.br/~risk/Site\\_AI/lay\\_out3.htm](http://www.dmm.im.ufrj.br/~risk/Site_AI/lay_out3.htm)>. Acesso em 14 dez. 2005. 3 p.

CASEBEER, W. D. **Natural ethical facts: evolution, connectionism and moral cognition**. Cambridge: The MIT Press, 2005

CHEDIAK, K. A. Nota sobre a concepção evolucionista da moral. **Episteme**, Porto Alegre, n. 16, p. 45-59, jan./jun. 2003. Disponível em: <[ghic.ifi.unicamp.br/AFHIC3/Trabalhos/35-Karla-Chediak.pdf](http://ghic.ifi.unicamp.br/AFHIC3/Trabalhos/35-Karla-Chediak.pdf)>. Acesso em 17 jan. 2008. 14 p.

CLARET, M (Ed.). **O pensamento vivo de Darwin**. São Paulo: Martin Claret Editores Ltda., 1986

CLARKE, R. **Asimov's laws of robotics. Implications for information technology.** Disponível em: <<http://www.anu.edu.au/people/Roger.Clarke/SOS/Asimov.html>>. Acesso em 19 jul. 2004. 25 p.

CLAVIEN, C.; DEONNA, J.; WALIMANN, I. **Emotions and rationality in moral philosophy.** Introduction. *European Journal of Analytical Philosophy (EUJAP)*, Rijeka (Croácia): University of Rijeka, v. 2, n. 2, p. 5-9, 2006. Disponível em: <[www.ffri.hr/phi/casopis/](http://www.ffri.hr/phi/casopis/)>. Acesso em 24 jan. 2008. 5 p.

CLAVIEN, C. **Is Gibbard's Expressivism worth it? An interdisciplinary critical analysis.** Disponível em: <[phibioihpst.free.fr/Clavien.pdf](http://phibioihpst.free.fr/Clavien.pdf)>. Acesso em 16 jan. 2008. 24 p.

-----; EL-BEZ, C. **Comment les données scientifiques et les theories évolutionnistes tranforment l'étiqne normative.** Disponível em: <[www.christineclavien.ch/Home](http://www.christineclavien.ch/Home)> e/ou <[www.christineclavien.ch/Home\\_engl.html](http://www.christineclavien.ch/Home_engl.html)>. Acesso em 24 jan. 2008. 24 p.

COSTA, C. F. Três níveis de ação. . **Ethic@**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 83-93, jun. 2005

COTTINGHAM, J. **Dicionário Descartes.** Tradução: H. Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. Tradução de: *A Descartes dictionary*

DARWIN, C. **The descent of man.** Disponível em: <[www.literature.org/authors/darwin-charles/the-origin-of-species/](http://www.literature.org/authors/darwin-charles/the-origin-of-species/)>. Acesso em 27 mar. 2007. 504 p

EDELMAN, G. M. **Biologia da consciência: as raízes do pensamento.** Tradução: J. D. Nogueira. Lisboa, Instituto Piaget, 1992. Tradução de: *Bright air, brilliant fire*

------. **The remembered present: a biological theory of consciousness.** New York: Basic Books, 1989

ESPINOSA, B. **Pensamentos metafísicos. Tratado da correção do intelecto. Ética. Tratado político. Correspondência.** Tradução: M. S. Chauí, C. L. de Mattos, J. de Carvalho, J. F. Gomes, A. Simões e M. de Castro. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Tradução de: *Cogitata metaphysica, De intellectus emendatione, Ethica, Tractatus politicus e Epistolae.* Coleção Os Pensadores

FONSECA, P. **Análise da experiência conceptual do quarto chinês.** Lisboa, 1998. 23 p. Trabalho de graduação (Disciplina Filosofia Contemporânea) – Departamento de Filosofia, Curso de Filosofia, Universidade de Lisboa. Disponível em: <[www.fl.pt/dep.filosofia/](http://www.fl.pt/dep.filosofia/)>. Acesso em 08 ago. 2004

FRANGIOTTI, M. A. O jogo de duvidar. In: ENCONTRO NACIONAL DE FILOSOFIA, 8., 1998, Caxambu. Anais... Campinas: ANPOF, 1998, p. 162

GOULD, S. J. **Dinossauro no palheiro: reflexões sobre a história natural.** Tradução: C. A. Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Tradução de *Dinosaur in a haystack: reflexions in natural history*

------. **O polegar do panda.** Tradução: C. Brito e J. Branco. Lisboa: Gradiva, 1990. Tradução de: *The panda's thumb*

------. **O sorriso do flamingo.** Tradução: L. C. Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Tradução de: *The flamingo's smile*

------. **Quando as galinhas tiverem dentes.** Tradução: J. Palmeiro e J. M. Marques. Gradiva: 1989. Tradução de: *Hen's teeth and horse's toes*

GRATELOUP, L.-L. **Dicionário filosófico de citações.** Tradução: M. Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Tradução de: *Dictionnaire philosophique de citations*

HODGES, A. **Uncomputability in the work of Alan Turing and Roger Penrose.** Disponível em: <[www.Turing.org.uk/philosophy/lecture1.html](http://www.Turing.org.uk/philosophy/lecture1.html)>. Acesso em 08 ago. 2004. 12 p.

JAFFELIN, J. **Notes de lecture sur les sciences cognitives. La ruse de l'inconscient.** Disponível em: <<http://www.sociosomatique.com/consider/consi10.htm>>. Acesso em 01 out. 2004. 13 p.

KANT, I. **A religião dentro dos limites da simples razão.** Tradução: T. M. Bernkopf, P. Quintela, R. R. T. Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção Os Pensadores. Tradução de *Die Religion Innerhalb der Grenzen der blossen Vernunft*

----- **Crítica da razão pura.** 2. ed. Tradução: V. Rohden e U. B. Moosburguer. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores. Tradução de *Kritik der reinen Vernunft*

----- **Critique of judgement.** Disponível em: <<http://www.e-text/Kant%20Immanuel%20-%20The%20of%20Judegment.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2008. 440 p.

----- **Critique of judgement.** Disponível em: <[oll.libertyfund.org/index.php?option=com\\_staticxt&staticfile=show.php%20](http://oll.libertyfund.org/index.php?option=com_staticxt&staticfile=show.php%20)>. Acesso em 19 abr. 2008. 440 p.

----- **Critique of practical reason.** Disponível em: <<http://eserver.org/philosophy/kant/critique-of-practical-reason.txt>>. Acesso em 07 jan. 2008. 340 p.

----- **Critique of practical reason.** Disponível em: <[www.etext.org/text/Kant%20Immanuel%20-%20The%20Critique%20of%20](http://www.etext.org/text/Kant%20Immanuel%20-%20The%20Critique%20of%20)>. Acesso em 19 abr. 2008. 115 p.

----- **Critique of pure reason.** Disponível em: <[ILTweb%20Digitaltexts%20Kant%20Pure%20Reason](http://ILTweb%20Digitaltexts%20Kant%20Pure%20Reason)>. Acesso em 23 jan. 2008. 761 p.

----- **First supplement of the guarantee for perpetual peace.** Disponível em: <<http://www.constitution.org/kant/perpeace.htm>>. Acesso em 28 jan. 2008. 21 p.

----- **Fundamentação da metafísica dos costumes.** Tradução: P. Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção Os Pensadores. Tradução de *Grundelegung zur Metaphysik der Sitten*

----- **Gedanken von der wahren Schätzung der lebendigen Kräfte und Beurtheilung de Beweise, derer sich Herr von Leibniz und andere Mechaniker in dieser Streisache bedienet haben, nebst einigenvorhergehenden Betrachtungen, welche die Kraft der Körper überhaupt betreffen.** Disponível em: <<http://www.philosophisches-lesen.de/kant/1746.html>>. Acesso em 08 mar. 2008. 11 p.

----- **Grundlegung zur metaphysik der sitten.** Disponível em: <[www.ikp.uni-bonn.de/kant.html](http://www.ikp.uni-bonn.de/kant.html)>. Acesso em 20 mar. 2008. 144 p.

----- **Groundwork for metaphysic of morals.** Disponível em: <<http://www.adelaide.edu.au/staff/sthomas.html>>. Acesso em: 09 jan. 2008. 50 p.

----- **Kritik der urteilkraft.** Disponível em: <[www.ac-nice.fr/philos/textes/Kant-KritikUrteilkraft.htm](http://www.ac-nice.fr/philos/textes/Kant-KritikUrteilkraft.htm)>. Acesso em 23 jan. 2008. 200 p.

----- **Logik.** Disponível em: <<http://www.text.de/kant.html>>. Acesso em 09 jan. 2008. 183 p.

----- **Prolegomena to any future metaphysics.** Disponível em: <[adelaide.edu.au/staff/sthomas.html](http://adelaide.edu.au/staff/sthomas.html)>. Acesso em: 04 jan. 2008. 102 p.

----- **Prolegômenos a toda metafísica futura que possa apresentar-se como ciência.** Tradução: T. M. Bernkopf, P. Quintela, R. R. T. Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção Os Pensadores. Tradução de *Prolegomena zu einer jeden künftigen Metaphysik, die als Wissenschaft wird auftreten können*

----- **Religion within the limits of reason alone.** Disponível em: <<http://certs.chuhk.edu.hk/Philosophy/kant/rel/>>. Acesso em 13 fev. 2008. 204 p.

----- **The critique of judgement.** Disponível em: <[http://oll.libertyfund.org/EBooks/Kant\\_0318.pdf](http://oll.libertyfund.org/EBooks/Kant_0318.pdf)>. Acesso em 22 abr. 2008. 243 p.

----- **The critique of judgement. § 86: Ethico-theology** Disponível em: <<http://oll.libertyfund.org/1217>>. Acesso em 24 jan. 11 p.

----- **The critique of the judgement.** Disponível em: <<http://www.library.adelaide.edu.au/etext/k/k16j/k16j.zip>>. Acesso em 28 jan. 2008. 440 p.

----- **The critique of the judgement.** Disponível em: <[www.class.idaho.edu/kmichelson/text%20Crit%20Judgement.text](http://www.class.idaho.edu/kmichelson/text%20Crit%20Judgement.text)>. Acesso em 18 abr. 2008. 440 p.

LEÃO, L. **Historia da philosophia.** Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Jornal do Brasil, 1932a. v. 1: A philosophia antiga e medieval, v. 2: A philosophia moderna

----- **Historia da philosophia.** Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Jornal do Brasil, 1932b. v. 2: A philosophia moderna

MALMBERG, B. **Les nouvelles tendances de la linguistique.** Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1972

NAGEL, T. **Visão a partir de lugar nenhum.** Tradução: S. Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Tradução de *The view from nowhere*

PRADO JR., B; PESSOTTI, I.; ABIB, José A. D.; ROSE, Júlio C. C. de; PRADO, L.; TREVISAN, P. **Filosofia e comportamento.** São Paulo: Brasiliense S. A., 1982

PENCO, C. **Introdução à filosofia da linguagem.** Tradução: E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006. Tradução de *Introduzione alla filosofia del linguaggio*

QUAMMEN, D. **As dúvidas do Sr. Darwin: o retrato do criador da teoria da evolução.** Tradução: I. Koritowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução de: *The reluctant Mr. Darwin: an intimate portrait of Charles Darwin and the making of his theory of evolution*

RYLE, G. In: ROSSI, J.-G. **Dicionário dos filósofos.** Diretor da publicação: D. Huisman. Tradução: C. Berliner, E. Brandão, I. C. Benedetti e M. E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 857-60. Tradução de *Dictionnaire des philosophes*

SAPIR, E. **Language: an introduction to the study of speech.** Disponível em: <<http://click.linksynergy.com/fsbin/click?id=87sBJa89QGg&offerid=80901.10000017&type=4&subid>> => Acesso em 28 abril 2005. 336 p.

SCZESNIAK, K. O processo evolutivo da língua. **Ciência Hoje.** Rio de Janeiro, v. 38, p. 74-5, maio 2006

----- O retorno da hipótese de Sapir-Whorf. **Ciência Hoje,** Rio de Janeiro, v. 26, p. 63-5, abril 2005

SEARLE, J. **Biological Naturalism.** Disponível em: <<http://socrates.berkeley.edu/~jsearle>>. Acesso em 26 fev. 2005. 14 p.

----- **Consciousness.** Disponível em: <<http://socrates.berkeley.edu/~jsearle>>. Acesso em 04 abril 2005. 16 p.

----- **Interview with John Searle by Julian Moore.** Disponível em: <<http://socrates.berkeley.edu/~jsearle>> Acesso em 26 fev. 2005. 13 p.



----- **Langage, conscience, rationalité: une philosophie naturelle. Entretien avec John Searle.** Entrevista à revista *Le debat*. Disponível em: <<http://socrates.berkeley.edu/~jsearle>> Acesso em 26 fev. 2005. 14 p.

----- **Minds, brain and programs.** Disponível em: <[www.bbsonline.org/documents/a/00/00/04/84/bbs00000048400/bbs.searle2.html](http://www.bbsonline.org/documents/a/00/00/04/84/bbs00000048400/bbs.searle2.html)> Acesso em 03 maio 2005. 13 p.

----- **O mistério da consciência e discussões com Daniel C. Dennett e David J. Chalmers.** Tradução: A. Y. P. Uema e V. Safatle. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1998, Tradução de *The mystery of consciousness*

----- **The future of philosophy.** Disponível em: <<http://socrates.berkeley.edu/~jsearle>> Acesso em 23 fev. 2005. 28 p.

----- **The problem of consciousness.** Disponível em: <<http://www.ecs.soton.ac.uk/~harnad/Papers/Py104/searleprob.html>> Acesso em 25 abr. 2005. 7 p.

----- **Why I am not a property dualist.** Disponível em: <<http://socrates.berkeley.edu/~jsearle>> Acesso em: 26 fev. 2005. 9 p.

----- In: GOCHET, P. **Dicionário dos filósofos.** Diretor da publicação: D. Huisman. Tradução: C. Berliner, E. Brandão, I. C. Benedetti e M. E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 908-12. Tradução de *Dictionnaire des philosophes*

SHEETS-JOHNSTONE, M. **Consciousness: a natural history.** Disponível em: <<http://www.imprint.co.uk/sheet.htm>> Acesso em: 12 maio 2003. 31 p.

SILVA, G. A. **Teoria dos atos de fala.** Disponível em: <[www.filologia.org.viefilin/41.htm](http://www.filologia.org.viefilin/41.htm)>. Acesso em 25 abr. 2007. 1p.

SOBER, E. **Philosophy of biology.** Oxford: Oxford University Press, New York, 1993

STERELNY, K.; GRIFFITHS, P.E. **Sex and death: an introduction to philosophy of biology.** Chicago: The University of Chicago Press, 1999

STRATHERN, P. **Turing e o computador.** Tradução: M. L. X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. Coleção "Em 90 minutos". Tradução de *Turing and the computer*

TEIXEIRA, J. F. **Filosofia e ciência cognitiva.** Petrópolis: Vozes, 2004

----- **Mente, cérebro e cognição.** Petrópolis: Vozes, 2003

----- **O Chomsky Fundamental.** Folha de São Paulo, São Paulo, 12 mar. 2006, caderno Mais! p. 8

THOMAS, S. **Kant's The Critique Of Pure Reason. Preface to the second edition, 1787.** Tradução: M. D. Muklejohn. Disponível em: <[www.library.adelaide.edu.au/text](http://www.library.adelaide.edu.au/text)> Acesso em 28 ago 2005. 11 p.

TSOLVATZI, D.; WALTER, S.; BURCHARDT, A. **Searle's classification of speech acts.** Disponível em <<http://www.coli.uni-saarland.de/projects/milca/courses/dialogue/html>> Acesso em 30 abr. 2007. 1 p.

UCHII, S. **Darwin on evolution of morality.** Disponível em: <<http://www.bun.kioto-u.ac.jp/~uchii/SUhome.html>>. Acesso em 29 abr. 17 p.

VEIT, L. M. La signification de la force illocutionnaire et le sujet. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 25, n. 73, p. 61-90, jul./dez. 1984

WAAL, F. **Primates and philosophers: how morality evolved.** Princeton: Princeton University Press, 2006

WEIKART, R. **The resurgence of evolutionary ethics.** Disponível em: <<http://www.arn.org.index.html>>. Acesso em: 28 fev. 2007. 5 p.

WILSON, K. **Is evolutionary ethics a viable metaethical theory?** Disponível em: <<http://web.mac./keith.wilson/>>. Acesso em 28 fev. 2007. 6 p.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas.** Tradução: J. C. Bruni. 3. ed. São Paulo: Victor Civita, 1984. Coleção Os pensadores. Tradução de: *Philosophische untersuchungen*